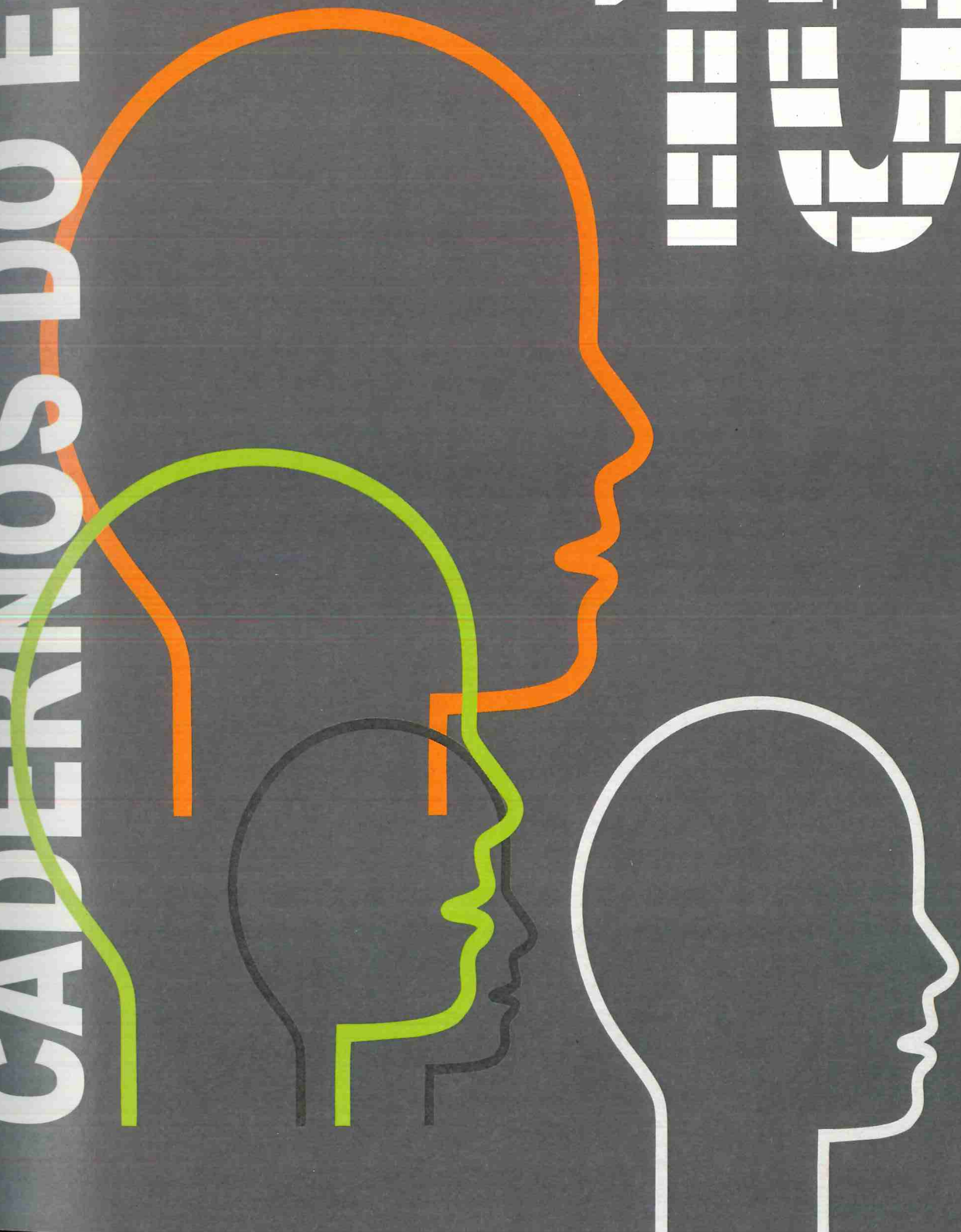




CADERNOS DO ECB



FICHA TÉCNICA

Diretora
Inês Silva

Diretor Executivo
Nuno Rosa

Revisão
Zita Nogueira
Lucília Borges

Secretariado
Lucília Borges

Capa
Fernanda Baptista

Paginação, arranjo informático, publicação online
Paulo Valentim

**Instituto Nossa Senhora da Encarnação
Externato Cooperativo da Benedita**

Rua Cooperativa de Ensino
Apartado 197
2475- 901 Benedita

Telefone: 262 925 180
Fax: 262 925 185
ecb@inse.pt
http://ecb.inse.pt
ISSN:2183-8526

SUMÁRIO

Inês Silva [Diretora dos Cadernos do ECB]	
Editorial	7
Assunção Ataíde [Instituto de Educação da Universidade de Lisboa]	
inDisciplina na Sala da aula	9
Maria Amélia Martins-Loução [cE3c – Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Campo Grande, Bloco C2, 1749-016 Lisboa, Portugal, email: maloucao@fc.ul.pt]	
Estratégias e ideias para criar comunidades escolares de aprendizagem ativa	15
Paula Cristina Ferreira [Professora de Português e de Apoio Especializado à Dislexia do ECB / Professora Adjunta Convidada na ESECS, IPL / Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação(NIDE), IPL]	
Dislexia versus Dispedagogia	23
Maria Teresa Soares Lopes Agostinho [Professora de História do Externato Cooperativo da Benedita e Coordenadora da Biblioteca]	
Biblioterapia ou a Misteriosa Chama	27
Inês Silva [Professora do ensino superior / Vereadora com o pelouro da educação da Câmara Municipal de Alcobça]	
A escola e os desafios do futuro	33
Catarina Mangas [iACT/NIDE, ESECS – Instituto Politécnico de Leiria catarina.mangas@ipleiria.pt]	
Princípios da ‘Educação Inclusiva’ e do ‘Perfil dos Alunos para o Século XXI’: que relação, que ambivalências?	39
Sandra Martins, Raquel Costa, Sandra Guerra [Médicas Dentistas]	
Saúde oral ou estética, eis a questão	51
José Vinagre, Helena Rodrigues, Rosa Ferreira, Samuel Branco [Professores do Externato Cooperativo da Benedita e membros da Equipa de projetos ECB Erasmus + EVA]	
ERASMUS +EVA	61
Fátima Almeida [Docente de Educação Especial do Agrupamento de Escolas de Nelas. Licenciada em Humanidades; Mestrado em Ciências da Educação; Especialização em Educação Especial; Especialização em Supervisão e Avaliação de Docentes. E-mail: mffalmeida@gmail.com]	
Dislexia na escola intervenção nos 2.º, 3.º ciclos... e ensino secundário? (e outras interrogações)	69
António Jorge Ferreira Figueiredo [Técnico Superior do Município de Alcobça, Investigador colaborador do CITCEM]	
A Rede de Municípios com Batalhas Históricas, um novo mundo de abordagens	85
Anexo	
Estratégias para a aprendizagem ativa - INQUIRE	91

DISLEXIA VERSUS DISPEDAGOGIA

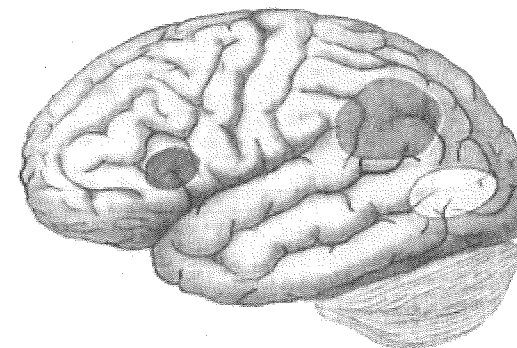
Paula Cristina Ferreira

Professora de Português e de Apoio Especializado à Dislexia do Externato Cooperativo da Benedita
Professora Adjunta Convidada na ESECS, Instituto Politécnico de Leiria
Membro do Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação (NIDE), Instituto Politécnico de Leiria

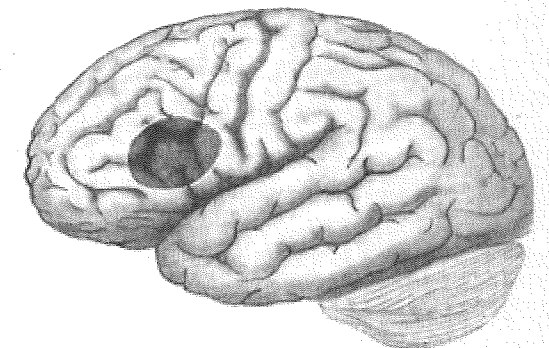
Desde os finais do séc. XIX que se muito fala, muito se estuda e muito se especula sobre a dislexia, enquanto perturbação específica da aprendizagem. Não é raro ouvir em contexto escolar, e não só, "Hoje, todos são disléxicos." ou "Estou tão disléxico hoje." É precisamente sobre estes lugares comuns que versa esta reflexão.

Num primeiro momento, devemos conhecer o que é a dislexia. Na DSM-5, a

letras e as letras. É uma desordem, que se deve a uma disfunção do hemisfério esquerdo do cérebro, situada nas áreas implicadas nas representações fonológicas ou nas conexões entre as representações fonológicas e as ortográficas, como fica evidente nas imagens de Shaywitz (2005:83), onde é evidente a parca atividade neuronal aquando do ato de ler no cérebro da pessoa com dislexia.



Cérebro do Normo leitor



Cérebro do Disléxico

dislexia é uma Perturbação Específica da Aprendizagem na medida em que se regista a dificuldade em conhecer o som das

A Perturbação Específica da Aprendizagem (PEA), vulgarmente conhecida por dislexia, é por nós (Ferreira, 2012:25),

entendida como "uma disfunção neuropsicolinguística inibidora da competência comunicativa e compreensiva, i.e. uma dificuldade a nível da leitura (decifração e compreensão) que se manifesta em três dimensões:

- a) o domínio do princípio alfabético e da consciência fonológica;
- b) o processamento – sequencialização – ativação de informação recebida;
- c) e a expressão do pensamento".

Verifica-se que a PEA, ao ser considerada uma disfunção neuropsicolinguística, abarca, indubitavelmente, inúmeras variáveis: as orgânicas, as neurodesenvolvimentais, as comportamentais, as emocionais e as socioculturais.

Desta forma, pode-se afirmar que a PEA é inibidora de uma boa aprendizagem do código escrito nas suas duas dimensões: a leitura e a escrita.

Debrucemo-nos um pouco, ainda que sinteticamente, sobre o ato de ler. Ler engloba duas atividades e competências: a decifração, onde é necessário reconhecer os sinais gráficos, a que comumente chamamos letras e a compreensão do objeto lido, o texto.

Inferimos que ao ato de ler, do ponto de vista prático, em contexto escolar ou outro, é tão necessário compreender como decifrar pois por norma não se acede à mensagem do texto sem uma decifração eficiente.

Neste quadro real, qualquer criança que não consegue decifrar letras e que não as

consegue converter em som (aplicação do princípio alfabético) não conseguirá aceder ao significado, pois a compreensão ficou gravemente comprometida. Neste sentido também afirmamos que os alunos mostram cada vez mais dificuldades na aprendizagem da leitura e cada vez mais têm uma menor fluência de leitura, o que pressupõe rapidez, precisão e expressividade. Como sabemos, o processo de ler é não só complexo como exige continuidade, sistematicidade, esforço, empenho não só da criança como dos professores e das famílias. Ou seja para se ler bem (decifrar e compreender) é necessária muita prática.

No contexto social atual, assistimos a programas e metas curriculares que se sucedem e desestabilizam o professor, assistimos a correrias diárias e que por consequência as famílias dizem não ter tempo para apoiar as suas crianças a fazer trabalhos de casa, assistimos a crianças que correm entre atividades extracurriculares e centros de explicações. Assistimos em boa verdade a um mundo que corre não sabe para onde mas também onde a sistematização das aprendizagens, o treino, o envolvimento de todos e para todos quase não acontece.

Assim, podemos igualmente afirmar que assistimos a uma notória dispedagogia, onde todo o processo de ensino-aprendizagem falha. Se por um lado é inquestionável, até ao momento, que a dislexia tem como causas uma anomalia nos cromossomas 15 e 6, onde os genes DYX1 a DYX6, e o gene DCDC2 respeti-

vamente são responsáveis pela dificuldade em aprender e ser ágil a ler, segundo Cruz (2007), por outro lado também se registam problemas a nível do processo de aprendizagem e de ensino.

Neste ponto surge como relevante esclarecer o conceito de dispedagogia. Dispedagogia é um problema de aprendizagem, de difícil diagnóstico, e que aparece quando os conhecimentos adquiridos não estão consolidados de maneira a permitir o avanço e o progresso nas aprendizagens.

A dispedagogia acontece quando, no processo de ensino e de aprendizagem, se registam as seguintes condicionantes:

- a) gestão e metodologia pedagógicas inadequadas por parte do professor;
- b) falta de apoio e estrutura familiar para acompanhamento do aluno e valorização do saber;
- c) imaturidade da criança para a correta aquisição de conteúdos programáticos e consequente sucesso no processo de aprendizagem.

Na realidade, a dispedagogia surge porque o processo de ensino decorre com lacunas escolares, familiares e/ ou individuais.

Outra questão de muito difícil resolução, pelo menos a curto prazo, é o facto de o despiste da PEA não ser feito através da aplicação um teste único e validado para a população portuguesa. Esta situação gera não só uma panóplia de terminologia dispar entre relatórios como uma

possível discrepância na classificação.

Portanto, e em jeito de conclusão seria benéfico que:

- a) os normativos curriculares estabilizassem para permitir ao professor uma maior e mais ponderada atuação no seu processo de ensino aprendizagem;
- b) as situações económicas em crise regressassem exponencialmente para que as famílias e as crianças pudessem ter mais tranquilidade familiar e social;
- c) a investigação sobre as PEA se unisse e uniformizasse testes de diagnóstico e os disseminasse pela comunidade;
- d) todos os níveis de ensino, incluindo a Educação Pré-Escolar, recorressem a metodologias ativas e exigentes do processo de ensino e do processo de aprendizagem.

Retomamos também a questão: *Há cada vez mais Disléxicos*. Dizem. A resposta é NÃO. Temos que ser perentórios e pragmáticos, não há cada vez mais alunos com dislexia, há cada vez mais alunos que não sistematizam aprendizagens, que crescem com lacunas nas suas competências básicas, pois o essencial não foi suficientemente adquirido e o insucesso é quase uma certeza (Ferreira, 2011). Ainda assim, a dislexia necessita de ser entendida e de receber intervenção especializada para que as dificuldades não se agravem.

É um facto que a dislexia, tal como as outras dificuldades de aprendizagem específicas: a disortografia, a disgrafia, a discalculia são dificuldades de caráter

permanente que, apesar da intervenção especializada, são minoradas mas nunca desaparecem. São verdadeiras necessidades educativas especiais e refletem efetivas formas de estar e sobreviver na vida (académica, social e profissional). Mas também é um facto que as dispedagogias são circunstâncias, são variáveis sobretudo sociais que quando não se reúnem não provocam situações indesejáveis.

Pensemos que no séc. XVIII, presumivelmente em 1722, Manoel de Andrade Figueiredo, segundo reza a história, ofereceu um livro a D. João V com o título *Nova Escola para aprender a Ler, Escrever e Contar* e é precisamente este o desafio que se coloca na atualidade. Num primeiro momento: aprender a ler, a escrever e a contar para depois se ler, escrever e contar para aprender pois são as muito virtuosas habilidades de alfabetização, geradoras de Património pessoal, de ascensão profissional e, naturalmente, de "pública utilidade", como refere o autor oitocentista, e que constituem um pilar civilizacional, promotor de literacia, no sentido global do termo (Lopes, 2012).

A aprendizagem da boa leitura, da boa escrita e do bom raciocínio matemático são estruturas basilares e dinamizadoras de aprendizagens ao longo da vida, são fontes de promoção e desenvolvimento de outras competências, onde a construção sólida do saber permitirá a edificação do ser humano na sua forma mais plena.

Referências bibliográficas

- Cruz, V.. (2007). Uma Abordagem Cognitiva da Leitura. Lisboa: Lidel.
- Ferreira, C..(2011). Dislexia: estudo de caso. Tese de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Ferreira, P.. (2012). Método Fonografema – um percurso literário para a aprendizagem da lectoescrita. A dislexia em Tese. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. 10-27.
- Lopes, C. 2012. Do "Ler, escrever e contar" à literacia: desafios e representações. Tese de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Shaywitz, S. (2005). Overcoming Dyslexia: A New and Complete Science-Based Program for Reading Problems at Any Level. Nova Iorque: Vintage Books.